

Volta.

Artur Seixas

EPÍLOGO

Era uma tarde fria e nublada em Olive Lake. O céu, branco como a neve que cobria o chão da cidade, se escurecia à medida que o tempo passava, como se o próprio dia tivesse pressa de terminar. O vento soprava baixo, quase um sussurro, arrastando pequenos flocos que já não caíam do céu, mas do telhado das casas, levantados pela brisa fria que cortava a pele. A cidade, apesar de ser pacata, do tipo onde todos se conhecem pelo nome e as portas raramente são trancadas, estava envolta sob um sentimento estranho. Não era medo, exatamente. Era mais como aquele silêncio que vem antes de uma tempestade, quando os pássaros somem e os cães latem para o nada. Os moradores, sem saber explicar o porquê, se pegavam olhando mais de uma vez para a floresta que cercava o vale, como se algo ali os observasse de volta. A cinco quilômetros dali, isolada entre pinheiros altos e cobertos de gelo, existe uma tranquila casinha de madeira. Ela é um pouco inclinada para a direita, talvez efeito de décadas resistindo ao vento, ou de um alicerce mal cuidado. Por isso, parece bastante frágil, como se um sopro mais forte pudesse finalmente derrubá-la. A fumaça saía fina da chaminé, o único sinal de vida em meio à brancura ao redor. De dentro dela, sai Sophie, uma pequena garotinha de uns 9 ou 10 anos, vestindo um casaco vermelho grande demais para o seu tamanho, provavelmente emprestado da mãe. Suas botas afundavam levemente na neve fresca, deixando para trás uma trilha de pegadas pequenas e desalinhas. Ela carregava consigo um cesto de vime vazio; a desculpa

perfeita, dizia sempre à mãe, para "colher pinhas para o inverno". Mas, na verdade, Sophie amava a floresta por um motivo que nem ela mesma sabia explicar direito. Havia algo ali que a chamava. Com os seus passos calmos e silenciosos, ela vai em direção à floresta, cantarolando baixinho uma canção que tinha aprendido na escola, o hálito formando pequenas nuvens brancas no ar gelado. As árvores começavam a aparecer no horizonte, escuras e altas, como sentinelas silenciosas guardando um segredo antigo. Sophie não tinha medo. Ela nunca tivera. Para ela, a floresta era como uma velha amiga, companhia certa nas tardes de tédio, quando os outros moradores de Olive Lake preferiam ficar trancados em casa. Ao se aproximar da linha de árvores, o vento pareceu enfraquecer, como se a própria floresta estivesse prendendo a respiração. O silêncio se tornou mais denso, mais presente, quase como uma parede invisível que ela atravessava a cada passo.

Até que, de supetão, um barulho estranho pode ser ouvido de dentro dela. Não era um som de animal, nem de galho quebrando sob o peso da neve. Era mais grave, mais profundo — quase como um suspiro vindo de baixo da terra, longo e arrastado, seguido de um silêncio ainda mais pesado que o anterior. Sophie parou. Seus olhos, antes distraídos, se voltaram para dentro da mata fechada. O cesto de vime balançava esquecido em sua mão. Por um instante, uma vozinha dentro dela, talvez instinto, talvez algo mais antigo que instinto, sussurrou que ela deveria voltar para casa. Mas a curiosidade, como sempre acontece com crianças daquela idade, falou mais alto. Com cada vez mais curiosidade, ela

anda com cada vez mais velocidade em direção à floresta, os pés afundando fundo na neve agora mais alta, os galhos baixos arranhando de leve o seu casaco vermelho. O som voltou a se repetir, dessa vez mais próximo, mais nítido

— quase um chamado.

Até que, assim que ela adentrou na floresta, tudo ficou completamente quieto. Nem o vento, nem os pássaros, nem o som distante da cidade que ela sempre ouvia ao longe. Apenas o silêncio absoluto, como se o mundo inteiro tivesse parado para observar aquele instante. Foi então que algo disse:

— Olá.

A voz não vinha de lugar nenhum específico. A garotinha, sem entender completamente o que acontecia, respondeu, com a voz um pouco trêmula, mas ainda curiosa:

— Oi? Quem tá falando?

Por um segundo, nada. Apenas o vento fraco brincando com as pontas de seus cabelos castanhos. E então, mais uma vez, aquela voz, calma, antiga, quase gentil, respondeu:

— A terra.

Sophie riu, um riso pequeno e nervoso, do tipo que as crianças dão quando não sabem se algo é brincadeira ou não.

— A terra não fala, ela disse, olhando para os lados, esperando ver alguém escondido atrás

de uma árvore, um vizinho brincando de esconde-esconde, talvez. Mas ninguém apareceu. Só o silêncio, e a sensação de que, de alguma forma, tudo ao seu redor — as raízes sob seus pés, os galhos acima de sua cabeça, o próprio

ar gelado que respirava, estava, de fato, prestando atenção nela.

A voz não respondeu de imediato. Passaram-se alguns segundos, talvez minutos, é difícil dizer quando o tempo parece se dobrar sobre si mesmo, até que ela voltasse a falar, dessa vez mais baixo, quase como um segredo sendo compartilhado apenas com ela:

— Venha. Há muito tempo que espero por alguém como você.

Sophie deu um passo para trás, o cesto de vime finalmente escorregando de sua mão e caindo na neve. Pela primeira vez naquela tarde, um frio diferente, não o do inverno, mas outro, mais profundo, percorreu sua espinha. Ainda assim, seus pés, contra toda lógica, começaram a se mover para frente, na direção de onde a voz parecia mais forte. Depois disso, a garotinha nunca mais foi vista. Os moradores de Olive Lake organizaram buscas por semanas. Cães farejadores percorreram cada trilha da floresta, voluntários vasculharam cada arbusto, cada tronco caído, cada fenda entre as rochas cobertas de neve. A mãe de Sophie, dizem os vizinhos, nunca mais dormiu direito, sempre deixando uma luz acesa na varanda da casinha inclinada, como se esperasse que, uma noite qualquer, os pequenos passos silenciosos de sua filha voltassem a cruzar aquela porta. Sophie foi esquecida.

Ato 1

As três semanas seguintes se arrastaram, uma a uma, como se o próprio tempo tivesse sido contaminado pelo que os quatro tinham ouvido na floresta. Dana foi a primeira a quebrar, embora ninguém soubesse disso além dela mesma. Os pesadelos começaram na segunda noite depois da viagem. Sempre o mesmo: ela caminhando por um corredor de árvores que nunca terminava, ouvindo os próprios passos ecoarem atrás dela, um segundo mais tarde do que deveriam, como se algo a estivesse seguindo, copiando cada movimento com um atraso propositalmente cruel. No sonho, ela nunca conseguia se virar. O medo era físico, uma paralisia que começava no pescoço e descia pela espinha, e ela acordava sempre no mesmo instante, bem quando um som, baixo e antigo, começava a se formar atrás dela. Ela não contou aos pais. Não contou a ninguém, na verdade, exceto uma vez, de madrugada, quando ligou para Tyler às três da manhã só para ouvir a voz de outra pessoa que também tinha estado lá.

— Você também não consegue dormir... né?

Ela disse, não como pergunta.

— Não

Tyler respondeu, a voz rouca de sono que não vinha.

— Mas o meu não é sonho.

Ele não explicou o que quis dizer com isso, e Dana não perguntou. Havia coisas, ela estava aprendendo, que era melhor não pedir para serem ditas em voz alta. Dizer as coisas em voz alta parecia dar a elas um peso que não tinham antes. Como se o silêncio fosse a última coisa que separasse

o que aconteceu na floresta e o resto de suas vidas normais. Tyler, por sua vez, tinha parado de sair de casa depois que o sol se punha. No início, os pais acharam graça. Mas a graça foi murchando conforme as semanas passavam e o filho deles parecia cada vez mais magro, mais pálido, os olhos fundos de quem dormia mal e comia pior. Ele tinha desenvolvido o hábito de verificar as janelas antes de dormir, não por medo de ladrões ou fantasmas, mas por um medo mais antigo e menos explicável, um medo de que, ao olhar para a escuridão do quintal, encontrasse algo olhando de volta. Certa noite, ele quase contou tudo para a mãe. Chegou a descer as escadas, o coração acelerado, pronto para dizer: "Mãe, aconteceu uma coisa na floresta e eu não sei o que fazer com isso", mas quando chegou à cozinha, encontrou-a rindo ao telefone com uma amiga, tão normal, tão alheia a qualquer coisa que não fosse a vida comum de Olive Lake, que ele engoliu as palavras e voltou para o quarto sem dizer nada. Não havia como explicar aquilo para alguém que não tinha ouvido a voz. As palavras simplesmente não alcançavam. Marcus, dos três, era o único que ainda tinha algo parecido com um propósito, e isso, de certa forma, o protegia e o condenava ao mesmo tempo. Ele assistia ao vídeo quase todas as noites. Não porque quisesse; ele começou a perceber, com o passar dos dias, que não conseguia realmente parar. Havia algo hipnótico naquelas duas palavras ditas pela voz, entreguem um, que exercia sobre ele uma atração parecida com a de coçar uma ferida que nunca cicatriza direito. Na décima quarta noite, ele reparou em algo que não tinha notado antes: no vídeo, bem no momento em que a voz falava, parecia que

a realidade tremia. Ele assistiu àquele trecho pelo menos cinquenta vezes, tentando entender o que via, até que os olhos ardiam e a cabeça latejava, e ainda assim não conseguia desviar o olhar da tela. Foi também nessas noites solitárias, sozinho com o brilho azulado da tela iluminando seu quarto escuro, que o pensamento começou a se formar: Quem, dos quatro, seria mais fácil de perder? Ele odiou-se por pensar aquilo. Fechou o vídeo, jogou o celular na cama, andou pelo quarto tentando expulsar a ideia da cabeça. Mas ideias daquele tipo, ele descobriria, não se expulsam. Elas apenas se escondem, esperando o momento certo para voltar mais fortes. Havia também os pequenos sinais físicos que os três começaram a notar em si mesmos, sinais que nenhum descreveria em voz alta, mas que reconheciam nos olhos uns dos outros sempre que se encontravam na rua, ou na escola, ou nos raros momentos em que um mandava mensagem para o outro perguntando apenas "você tá bem?", sem nunca especificar bem em relação a quê. Dana perdeu o apetite quase por completo, e a mãe, preocupada, chegou a marcar uma consulta com o clínico geral, uma consulta que Dana cancelou sozinha, inventando uma desculpa qualquer, porque não havia exame de sangue no mundo capaz de detectar o que realmente a estava consumindo por dentro. Tyler começou a morder as unhas até sangrar, um hábito que não tinha desde os oito anos de idade, e que voltou com uma força que ele mal reconhecia como sua. Marcus emagreceu visivelmente, o rosto mais fino, os olhos cada vez mais fundos, como se algo estivesse literalmente se alimentando dele por dentro, devagar, todas as noites em que ele escolhia

assistir ao vídeo mais uma vez ao invés de dormir. Nenhum dos três procurou ajuda de verdade. Não porque não soubessem que precisavam — no fundo, todos sabiam —, mas porque não havia nenhuma forma de pedir ajuda sem contar a verdade inteira, e a verdade inteira era simplesmente impossível de ser dita em voz alta para qualquer pessoa que não tivesse estado ali, na floresta, ouvindo aquela voz que vinha de todos os lugares ao mesmo tempo. Era uma solidão estranha, o tipo de solidão que só existe quando três pessoas compartilham exatamente o mesmo segredo pesado e, ainda assim, cada uma o carrega completamente sozinha, porque falar sobre aquilo entre si só fazia o peso parecer mais real, mais definitivo, mais impossível de desfazer. Priya, ao contrário dos outros três, parecia intocada. Ela continuava normal — ou pelo menos o mais normal que uma garota de quinze anos que tinha ouvido uma voz impossível vinda da terra conseguia ser. Ria com os amigos da escola, postava fotos bobas nas redes sociais, reclamava do calor e da falta do que fazer naquele verão comprido. Se algo a incomodava por dentro, ela não deixava transparecer, ou talvez, pensava Marcus às vezes, ela simplesmente não tivesse entendido o suficiente do que aconteceu para que aquilo a assombrasse do mesmo jeito. Foi exatamente essa normalidade que, sem que ele quisesse admitir, começou a irritá-lo. Não era raiva, exatamente. Era mais parecido com inveja, uma inveja doentia, torta, da qual ele se envergonhava assim que a reconhecia em si mesmo. Enquanto ele, Dana e Tyler carregavam aquele peso em cada gesto, em cada noite maldormida, Priya seguia levinha, como se nada tivesse

mudado. Como se ela pudesse simplesmente decidir que aquilo não a afetava, e pronto: não afetava. Ela nem devia estar tão bem assim, ele pensou uma vez, sem querer, olhando uma foto que ela tinha postado sorrindo na piscina pública. Não é justo. Foi esse pensamento, pequeno, mesquinho, o tipo de pensamento que qualquer pessoa decente reconheceria como errado assim que ele aparecesse, que, semanas depois, tornaria mais fácil o que Marcus faria a seguir. Quando ele decidiu organizar a segunda viagem, não ligou para ela. Disse a si mesmo, e depois aos outros dois, que era "para protegê-la", ela era "muito nova pra aquilo", disse, "melhor ela não se envolver mais do que já se envolveu". Dana concordou, embora com uma hesitação que durou um segundo a mais do que deveria. Tyler nem sequer questionou. Nenhum dos três diria em voz alta o verdadeiro motivo. Mas o motivo estava lá, do mesmo jeito que uma pedra está no fundo de um lago mesmo quando a água parece limpa por cima: das quatro pessoas que tinham ouvido aquela voz, Priya era a única que os outros três já tinham, secretamente, cada um a seu modo e em algum momento de fraqueza, imaginado não estar mais ali. A segunda viagem começou de um jeito completamente diferente da primeira. Não houve risadas na saída da cidade, nem Tyler brincando de repórter para a câmera, nem qualquer resquício daquele entusiasmo adolescente e ingênuo que tinha marcado a primeira caminhada até a floresta. Os três andavam em fila quase silenciosa, Marcus na frente segurando o celular já ligado, Dana no meio com os braços cruzados sobre o peito como se tentasse se manter inteira por um esforço puramente físico,

e Tyler por último, os olhos fixos no chão, evitando olhar para a linha de árvores que crescia no horizonte a cada passo.

— Vocês também andaram pensando nisso?

Dana perguntou, quebrando o silêncio pela primeira vez em quase quinze minutos. Ninguém precisou perguntar do que ela falava. Tyler chutou uma pedra solta do caminho, os olhos ainda no chão.

— Pensando no quê, exatamente?

Ele disse, mas havia algo na própria pergunta que soava mais como confissão do que como dúvida genuína.

— Em quem.

Dana parou de andar. Sua voz tremia, não de frio, mas de algo mais fundo.

— Não finge que não. Eu vi você olhando pra foto dela diferente essa semana. E eu...

Ela hesitou, os olhos brilhando de uma vergonha que parecia querer se esconder atrás das próprias palavras.

— Eu também fiz isso. Uma vez. Olhei pra ela e pensei uma coisa horrível, só por um

segundo, e me odiei depois. Ainda me odeio. Marcus manteve a câmera baixa, apontada para o chão, gravando apenas seus próprios passos irregulares na terra seca. Não queria capturar aquela conversa. Não queria que existisse prova, em lugar nenhum, de que aquele pensamento tinha passado pela cabeça de qualquer um deles antes mesmo de chegarem à floresta.

— Isso é ela?

Ele disse, finalmente, a voz baixa, quase um sussurro para si mesmo tanto quanto para os outros.

— A coisa lá. Ela colocou isso na nossa cabeça. Não é real. Não pode ser real.

— E se for?

Tyler perguntou, erguendo os olhos pela primeira vez desde que tinham saído da cidade. Havia algo assustado ali, mas também algo mais. Uma curiosidade doentia, o tipo que se tem ao cutucar um machucado só para ver o quanto ainda dói.

— E se ela só... destravou uma coisa que já estava lá dentro da gente? Uma coisa que a gente

nunca teria admitido antes, mas que sempre existiu? Ninguém respondeu. O silêncio que se seguiu foi mais pesado do que qualquer coisa que a voz na floresta já tivesse dito — porque, dessa vez, o silêncio não vinha de fora. Vinha de dentro deles mesmos, e nenhum dos três sabia como preenchê-lo sem admitir algo que preferiam não admitir. Continuaram andando. O sol de verão ainda batia forte sobre suas cabeças, mas parecia, de alguma forma cruel, incapaz de aquecer de verdade qualquer um dos três. Quando chegaram ao ponto exato onde o calor do verão parava de existir, aquele limite invisível onde o ar esfriava de repente, como se atravessassem uma porta sem moldura, nenhum deles se surpreendeu. Dessa vez, já sabiam o que os esperava. O termômetro pendurado na mochila de Marcus, o mesmo de sempre, mostrou o mesmo salto impossível de temperatura, e ele nem se deu ao trabalho de fotografar o display. Já não havia mais nada a provar. Só havia o que fazer a seguir.

— Vocês voltaram.

A voz chegou de todos os lados ao mesmo tempo, como da primeira vez, calma e paciente do jeito que só algo muito, muito antigo consegue ser.

— Sozinhos. Sem a menor.

Marcus sentiu um arrepio subir pela nuca ao ouvir aquilo. A menor. Não "Priya". Não um nome. Apenas uma categoria, uma peça em um jogo que a entidade já parecia ter decidido havia muito tempo, muito antes de qualquer um deles nascer.

— Ela não é sua

Marcus disse, mais alto do que pretendia, a raiva disfarçando mal o medo que sentia por baixo.

— Ninguém aqui é seu.

Mas a entidade... a terra disse:

— Ainda não.

Houve uma pausa longa o suficiente para que os três sentissem o próprio pulso pulsando na garganta, alto demais, rápido demais.

— Mas vocês vieram. De novo. E vocês sabem por quê.

Dana começou a chorar, silenciosamente, sem soluços, apenas lágrimas escorrendo pelo rosto como se nem ela mesma tivesse dado permissão para elas caírem. Tyler fitava o chão, os punhos fechados com tanta força que as unhas deixavam marcas na palma da mão, como se estivesse brigando com algo dentro de si mesmo que ele não conseguia nomear nem enfrentar de frente. E Marcus... Marcus sentiu, com um horror frio que não tinha absolutamente nada a ver com a temperatura ao redor deles, que já sabia, antes mesmo de terem posto os pés ali pela segunda vez, qual nome ele diria se a pergunta chegasse a ser feita em voz alta.

— Vocês têm até o sol se pôr.

A voz disse, e havia algo quase gentil na maneira como ela pronunciou aquilo, como uma professora dando um prazo generoso para um trabalho difícil.

— Depois disso, a oferta muda. E vocês não vão gostar de saber como.

Nenhum dos três perguntou o que aquilo significava. Havia coisas, todos os três estavam aprendendo rápido demais, que era melhor não saber. O que aconteceu nas horas seguintes não foi, de forma alguma, uma decisão tomada de uma vez. O sol, lá fora da bolha fria da floresta, ainda estava alto quando eles se sentaram em um círculo improvisado sobre um tronco caído, longe o suficiente do ponto onde a voz parecia mais forte, mas perto o bastante para ainda sentir o frio raspando a pele exposta dos braços. Ninguém falou por um bom tempo. Foi Tyler quem quebrou o silêncio primeiro, e suas palavras vieram tão casuais, tão displicentes, que quase pareciam inofensivas.

— Ela sempre foi meio dependente da gente, né

Ele disse, olhando para um ponto qualquer entre as árvores, evitando os olhos dos outros dois.

— Tipo, sempre grudada, sempre querendo vir junto, mesmo quando ninguém chamava.

Ninguém respondeu. Mas ninguém corrigiu, também. E aquele silêncio foi a primeira pedra de um caminho que os três, juntos e sem admitir, começavam a construir. Vinte minutos depois, foi Dana quem falou, a voz mais baixa, mais hesitante, mas ainda assim real.

— E se fosse ela quem tivesse vindo hoje, no nosso lugar?
— ela perguntou, os olhos fixos

nas próprias mãos entrelaçadas no colo. — Vocês acham que ela ia pensar duas vezes antes de... — ela não terminou a frase. Não precisava. Marcus sentiu o estômago revirar, mas não disse nada para impedir a linha de pensamento. Ao invés disso, olhou para o próprio celular, para a tela preta que refletia seu rosto pálido, e pensou em todas as vezes que assistira ao vídeo sozinho, em como aquela voz parecia ter plantado uma semente em cada um deles na primeira visita, uma semente que, aparentemente, só precisava de tempo e silêncio para germinar. O tempo passou. O sol, mesmo escondido do outro lado da bolha fria que os cercava, seguia seu curso implacável em direção ao horizonte. Por volta da metade da tarde, algo mudou. Foi sutil no início, um comentário de Tyler sobre como "ninguém ia sentir tanta falta assim, ela é nova na cidade mesmo, mudou pra cá faz o quê, um ano?" —, seguido por um silêncio de Dana que durou segundos demais para ser interpretado como qualquer coisa além de concordância silenciosa. Marcus, por sua vez, começou a notar em si mesmo uma coisa estranha: cada vez que um dos outros dois dizia algo que deveria fazê-lo protestar, ele sentia um alívio contraditório, como se ouvir aqueles pensamentos em voz alta, vindos de outra boca, tornasse mais fácil não ter que ser ele o primeiro a dizê-los. Ninguém, em nenhum momento daquela tarde, disse a palavra "sacrifício". Ninguém disse "vamos matar ela" ou qualquer variação que reconhecesse, de frente, o que estavam discutindo. A linguagem que usavam era outra, mais macia,

mais suportável: "resolver a situação". "Acabar com isso de uma vez". "Fazer o que precisa ser feito". Marcus perceberia, muito mais tarde, que aquela mudança na própria língua que usavam foi a primeira coisa que a floresta realmente corrompeu neles, antes mesmo de tocar em qualquer um dos três fisicamente, ela já tinha mudado a forma como conseguiam falar sobre o que estavam prestes a fazer. Por volta das quatro da tarde, Dana chorou de novo — mas dessa vez, diferente da primeira, o choro veio acompanhado de palavras.

— Eu não quero fazer isso — ela disse, a voz quebrada. — Eu não quero. Mas eu também não

quero... — ela parou, engoliu em seco. — Eu não quero ser a próxima, se a gente não fizer nada. Ninguém a consolou. Ninguém disse que estava tudo bem, porque nada estava. Mas também ninguém discordou dela. Tyler foi o próximo a ceder de vez, por volta das cinco, quando o sol já começava a se inclinar visivelmente no céu que conseguiam ver por entre os galhos mais altos.

— Ela ia entender — ele disse, mais para si mesmo do que para os outros. — Se ela soubesse

o que tá em jogo, ela ia entender que é ela ou a gente. Ela é boazinha assim. Ela ia entender. Era uma mentira. Todos os três sabiam que era uma mentira. Mas era o tipo de mentira que, dita alto o suficiente e repetida vezes o bastante, começa a parecer, se não verdadeira, ao menos suportável. Houve um momento, por volta das cinco e meia, em que tudo quase desmoronou na direção contrária. Foi Dana quem trouxe a lembrança à tona, sem querer, só porque precisava

dizer alguma coisa para preencher um silêncio que já durava minutos demais. — Vocês lembram — ela disse, a voz embargada — quando a Priya trouxe aquele bolo horrível que ela mesma fez, no aniversário do Tyler? Ela tinha errado a receita toda, botou sal no lugar de açúcar, e mesmo assim ficou lá, sorrindo, esperando a gente experimentar, porque tinha ficado tão orgulhosa de ter feito sozinha. Tyler riu, um som curto e quebrado que morreu quase assim que nasceu.

— Ela chorou quando a gente disse que tava ruim — ele completou, os olhos brilhando de

um jeito que não tinha nada a ver com o frio ao redor deles. — Chorou de verdade. E depois riu da própria cara, e a gente riu junto, e ela disse que ano que vem ia acertar. Por um instante — breve, frágil, mas real — os três pareceram lembrar, ao mesmo tempo, que estavam falando sobre uma pessoa. Não sobre "a menor". Não sobre "a mais fácil de perder". Sobre Priya, com seu bolo salgado e seu orgulho bobo e seu jeito de rir da própria vergonha antes que qualquer outra pessoa tivesse a chance de rir primeiro.

— A gente não pode fazer isso — Dana disse, e dessa vez havia algo diferente na voz dela,

algo que soava quase como alívio por finalmente dizer em voz alta o que deveria ter sido óbvio o tempo todo. — Sério. Vamos embora. Vamos simplesmente ir embora e nunca mais voltar aqui, nunca mais falar sobre isso, e pronto. Por quase um minuto inteiro, pareceu que aquilo seria o fim da história — que os três se levantariam, sacudiriam a terra fria das roupas, e caminhariam de volta para casa sem olhar para trás, carregando apenas a vergonha de terem cogitado o

impensável, mas sem nunca terem chegado a cometê-lo. Foi Tyler quem quebrou aquele momento frágil. Não porque quisesse — mais tarde, ele se perguntaria mil vezes se realmente quisera —, mas porque o silêncio da floresta ao redor deles, naquele exato instante, pareceu se aprofundar de um jeito quase físico, como se algo estivesse prestando muita atenção àquela pequena rebelião e decidido que era hora de lembrá-los do que estava em jogo.

— E se a gente for embora e ela mudar de ideia? — ele perguntou, a voz baixa. — A voz disse

que a oferta muda depois do sol se pôr. Ela disse que não íamos gostar de saber como. E se, ao invés de só ela querer alguém, ela decidir que quer todo mundo? Vocês querem arriscar isso pela chance de continuar se sentindo bonzinhos por mais uma noite? Ninguém respondeu de imediato. Mas o silêncio, dessa vez, não era mais o mesmo silêncio de recusa de minutos atrás. Era o silêncio de pessoas que sentiam o chão do próprio argumento moral escorregar debaixo dos pés, devagar, sem que pudessem apontar exatamente o momento em que o equilíbrio se perdeu. A lembrança do bolo salgado, do riso de Priya, ainda pairava no ar entre os três — mas já não parecia mais suficiente. E foi essa a parte mais cruel de tudo, o tipo de coisa que Marcus entenderia só muito depois, olhando para trás: não foi que eles esqueceram quem Priya era. Foi que lembraram, por um instante inteiro, e mesmo assim escolheram seguir em frente de qualquer forma. Marcus foi o último a ceder de vez. E quando finalmente falou, suas palavras não foram de convencimento, nem de justificativa. Foram apenas uma rendição.

— Tudo bem — ele disse, olhando para o chão, incapaz de erguer os olhos para os outros

dois. — Eu ligo pra ela. Ninguém comemorou. Ninguém sorriu. O que quer que estivesse acontecendo entre os três não tinha nada da satisfação de uma decisão tomada com convicção — tinha, ao invés disso, o peso morto de uma rendição, o tipo de coisa que se faz não porque se quer, mas porque, de alguma forma, ao longo de uma tarde inteira de pequenos silêncios e comentários soltos, já não parecia mais existir outro caminho. O plano — se aquilo merecia ser chamado de plano — era simples e covarde da forma mais humana e mais patética possível. Marcus ligaria para Priya. Diria que precisavam da ajuda dela para "revisar as imagens do documentário", ou qualquer desculpa igualmente boba que servisse para tirá-la de casa sem levantar suspeitas. Dessa vez, porém, ninguém marcou de se encontrar na entrada da trilha. Foi Dana quem sugeriu, a voz seca demais para ser inocente: melhor buscar a Priya de carro. Assim ninguém veria pra que direção ela tinha ido, assim não haveria testemunha nenhuma no caminho, assim, se ela hesitasse, quisesse voltar atrás no meio do trajeto, não haveria trajeto nenhum de onde voltar — só o carro fechado, andando. Ninguém chamou aquilo pelo nome certo. Chamaram de "praticidade". Foi Marcus quem discou o número dela. Suas mãos tremiam tanto que ele errou os dígitos duas vezes antes de conseguir completar a ligação.

— Oi, Marcus! — a voz de Priya soou do outro lado, leve, alegre, absolutamente alheia ao

que se passava a cinco quilômetros dali. — Nossa, que surpresa! Já ia mandar mensagem pra você, adivinha só o que aconteceu hoje na piscina...

— Priya — ele interrompeu, a voz mais firme do que se sentia por dentro. — A gente precisa

de uma ajuda com o documentário. A gente já tá indo aí te buscar, pode ser? Houve uma pausa curta do outro lado da linha, e por um segundo — só um segundo, mas um segundo que ficaria gravado na memória de Marcus pelo resto de sua vida — ele quase desistiu. Quase disse "esquece, deixa pra lá, fica em casa". Mas então Priya respondeu, animada, sem nenhuma desconfiança na voz:

— Claro! Deixa eu só avisar minha mãe que vou sair com vocês!

Ele desligou o telefone e ficou parado por um longo momento, olhando para a tela escura do aparelho, como se esperasse que ela lhe dissesse que tinha acabado de fazer algo terrível. A tela, é claro, não disse nada. Priya entrou no carro sorrindo, exatamente como sempre, o tipo de sorriso fácil e sem peso que só quem nunca carregou um segredo pesado demais consegue ter. Sentou no banco de trás, colocou o cinto, e começou a falar quase antes de fechar a porta — sobre um vídeo engraçado que tinha visto naquela tarde, sobre um professor da escola que ia se aposentar no fim do ano, sobre um vestido novo que a mãe tinha prometido comprar para o aniversário dela, que seria em outubro. Dana dirigia. Marcus ia no banco do carona, o celular já ligado no colo, sem coragem de erguer e apontar pra trás. Tyler ia sentado ao lado de Priya, o corpo virado quase todo para a janela, como se

pudesse, só de não olhar pra ela, se convencer de que ela não estava ali.

— Vocês tão bem estranhos hoje

Ela comentou, no meio de uma frase qualquer, olhando de Marcus pro retrovisor onde encontrou os olhos de Dana por um segundo a mais do que devia.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada

Dana respondeu rápido demais, o tom saindo mais agudo do que pretendia, as mãos apertando o volante num jeito que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Só... cansaço. Foi um dia longo.

Priya pareceu aceitar a explicação, ou talvez apenas quisesse aceitar, porque continuar acreditando que tudo estava normal era mais fácil do que a alternativa. Ela seguiu falando, contando sobre coisas pequenas e absolutamente normais, coisas que pareciam vir de um mundo completamente diferente daquele em que os outros três estavam presos havia semanas, um mundo onde vozes vindas da terra não existiam, onde florestas eram só florestas, onde amigos não trocavam olhares no retrovisor de um jeito estranho demais quando pensavam que ninguém estava reparando. Ninguém riu com ela. Ninguém conseguiu, por mais que ela tentasse puxar assunto, por mais leve que sua voz permanecesse. O silêncio dos outros três crescia a cada quilômetro que o carro percorria em direção à trilha, e por baixo daquele silêncio havia algo mais: uma espécie de luto antecipado, como se cada um dos três já estivesse, de certa forma, se despedindo dela antes mesmo de chegarem ao

lugar de onde ela não voltaria. Foi só quando Dana estacionou o carro na entrada da trilha, o motor ainda ligado por um segundo antes de ser desligado, que Priya finalmente notou. Não o frio que ainda nem tinha começado, mas o silêncio estranho e pesado dos três colegas ao seu redor, dentro daquele espaço pequeno demais pra esconder qualquer coisa.

— Gente?

Ela perguntou, o sorriso já quase todo desfeito em seu rosto, substituído por uma confusão que começava a beirar o medo, a mão parada sobre o próprio cinto de segurança, ainda sem coragem de abri-lo.

— Por que ninguém tá falando nada? Por que vocês tão me olhando assim?

Ninguém respondeu. Marcus sentiu, naquele instante exato, o peso completo do que estavam prestes a fazer — não como uma ideia abstrata discutida ao longo de uma tarde inteira de racionalizações covardes, mas como algo real, físico, definitivo, e ali, dentro daquele carro fechado, impossível de desfazer. Ele quase disse para ela abrir a porta e correr. Quase. A palavra chegou a se formar em sua garganta, mas nunca chegou aos lábios. Foi Tyler quem abriu a porta primeiro. Depois Dana. Depois, devagar, com as mãos tremendo tanto que ela errou o cinto duas vezes antes de conseguir soltá-lo, Priya também saiu. Caminharam em silêncio até a linha de árvores. Quando alcançaram o ponto exato onde o calor do fim de tarde desaparecia e o frio da floresta começava, Priya parou de vez, os braços se abraçando sozinha, olhando pros três rostos ao redor que se recusavam

a encará-la de volta. E foi nesse silêncio, nesse exato silêncio pesado, parecido com o instante que antecede um mergulho de onde não há como voltar atrás, que a voz voltou a falar, calma, paciente, quase satisfeita, do jeito que só algo que esperou muito, muito tempo consegue soar:

— Obrigada.

Sentados no mesmo carro, ainda parado na entrada da trilha, ofegantes, ainda incapazes de se olhar diretamente nos olhos, os três permaneceram em silêncio por quase dez minutos antes que alguém encontrasse coragem para ligar o motor. Foi Dana, finalmente, com as mãos tremendo tanto sobre o volante que precisou tentar duas vezes antes de conseguir dar a partida.

— A gente precisa de uma história.

Ela disse, a voz seca, quase mecânica, como se falar sobre logística fosse a única forma de não desmoronar ali mesmo.

— Uma história que se encaixe. Que ninguém consiga furar.

— Ela pediu pra descer antes.

Tyler murmurou, olhando pela janela para o nada, o banco vazio ao seu lado parecendo maior do que deveria.

— A gente ofereceu carona até em casa, mas ela disse que ia dar uma volta primeiro. Que precisava pensar em umas coisas.

— E se perguntarem por que a gente deixou ela ir sozinha?
— Marcus perguntou, a própria voz soando estranha em seus próprios ouvidos, distante, como se pertencesse a outra pessoa.

— A gente diz que ela insistiu

Dana respondeu, e havia algo no jeito como ela disse aquilo, tão rápido, tão pronto, que fez Marcus se perguntar, com um arrepio, se ela já tinha ensaiado aquela mentira antes mesmo de precisar dela.

— Ela sempre foi meio teimosa assim. Todo mundo vai acreditar.

A cidade, naquela noite, dormiu tranquila, sem saber de absolutamente nada. Os pais de Priya notariam a ausência dela apenas mais tarde, quando o jantar esfriasse na mesa e as ligações para o celular dela começassem a cair direto na caixa postal. Haveria buscas, é claro — cães farejadores, voluntários vasculhando cada trilha, cada arbusto, cada fenda entre as pedras, exatamente como tinha acontecido anos antes, quando uma garotinha de casaco vermelho desapareceu sem deixar rastro algum. E, exatamente como daquela vez, nenhum rastro seria encontrado agora também. Nenhuma pegada além das que ela mesma deixara na ida. Nenhum fio de cabelo, nenhum pedaço de tecido preso em algum galho baixo. Marcus, Dana e Tyler contariam a mesma história, ensaiada às pressas naquela mesma noite, sentados em silêncio dentro do carro antes de cada um voltar para sua própria casa: que Priya tinha pedido pra descer e ir andando, sozinha, que eles não sabiam de mais nada. Era uma mentira frágil, cheia de buracos, mas ninguém em Olive Lake pareceu questionar demais.

ATO II

Ryan dizia sempre, meio de brincadeira, meio a sério, que tinha sido a casa que os escolhera, e não o contrário. Tinham voltado da lua de mel havia apenas quatro dias, dez dias em uma praia qualquer no litoral, o tipo de viagem que qualquer casal recém-casado faz mais por tradição do que por vontade real de sol e areia, quando a corretora ligou dizendo que o imóvel em Olive Lake tinha finalmente sido liberado pelo banco, e que, se eles ainda tivessem interesse, o preço continuava absurdamente baixo. Anna tinha revirado os olhos ao telefone, divertida, perguntando por que uma casa daquelas, com aquele terreno, aquela vista, custava menos do que o apartamento de um quarto que os dois estavam alugando na cidade. A corretora, do outro lado da linha, tinha rido também, um riso curto demais para ser inteiramente natural, e dito apenas que "o mercado em cidades pequenas é imprevisível assim mesmo". Ryan não perguntou. Ele nunca questionava esse tipo de coisa. Para ele, o mundo funcionava em uma lógica simples de sorte boa e sorte ruim, e aquela pareceria, sem sombra de dúvida, sorte boa: uma casa de madeira com quase um hectare de terreno, isolada o suficiente para dar privacidade, mas perto o bastante do centrinho de Olive Lake para não parecer o fim do mundo, tudo por um preço que os dois conseguiriam pagar sem comprometer as economias inteiras que planejavam usar para começar a vida de casados. O preço, era até suspeito em comparação a outras casas de Olive Lake.

— A gente não vai nem ter vizinhos pra reclamar do barulho.

Ele disse, no dia em que assinaram os papéis, abraçando Anna por trás enquanto ela lia o contrato pela terceira vez, sempre desconfiada de letras miúdas: Você podia gritar o meu nome a plenos pulmões que ninguém ia nem ouvir.

— Cuidado com o que deseje, Capitão.

Ela respondeu, sem tirar os olhos do papel, um sorriso pequeno no canto da boca. Capitão. Era assim que ela o chamava desde a lua de mel, desde a noite em que ele, depois de duas taças de vinho barato de hotel, tinha contado a história que raramente contava para ninguém: que o pai o chamava assim quando ele era pequeno, porque Ryan adorava brincar de capitão de navio na banheira, no lago, em qualquer poça d'água que aparecesse, imaginando tempestades e motins e ilhas perdidas. Contou também, com a voz mais baixa, os olhos fixos no teto do quarto de hotel, que o pai tinha morrido afogado, sozinho, num passeio de barco que Ryan tinha recusado ir junto naquela manhã porque preferia dormir até mais tarde. Contou que nunca mais tinha entrado em um barco depois disso, nem tinha vontade de entrar, e que era uma piada cruel do universo que o único apelido carinhoso que alguém já tinha lhe dado envolvesse justamente a única coisa que ele mais temia no mundo. Anna não tinha rido daquilo. Tinha apenas segurado a mão dele em silêncio por um bom tempo, e depois, dias mais tarde, tinha começado a chamá-lo de Capitão de novo, não para reabrir a ferida, ela explicou, mas para provar a ele, aos poucos, que a palavra podia significar outra coisa agora.

Podia significar ela. Podia significar os dois. Foi assim que Capitão virou, entre eles, uma palavra que não doía mais. A casa em si era exatamente como Ryan tinha imaginado uma casa de interior deveria ser: de madeira escura, um pouco inclinada para a direita. "Efeito do tempo", disse o inspetor predial, sem dar muita importância, com uma varanda de frente para um gramado que terminava, sem aviso, na linha de árvores de um pinheiral que se estendia por quilômetros até onde a vista alcançava. Havia uma lareira funcional, o que Anna achou charmoso e Ryan achou impraticável até a primeira noite fria, quando os dois se sentaram na frente do fogo enrolados no mesmo cobertor e ele mudou de ideia completamente. Havia também, no quarto principal, uma janela grande demais para o resto da casa, uma janela que dava diretamente para a floresta, como se quem construía aquela casa décadas atrás quisesse, por algum motivo, poder ver a mata a qualquer hora do dia ou da noite. Nenhum dos dois perguntou por que a casa tinha ficado tanto tempo vazia. Nenhum dos dois, àquela altura, tinha motivo para perguntar. As primeiras semanas foram, sem exagero, as mais felizes que Ryan conseguia se lembrar de ter vivido. Acordavam tarde, porque podiam. Anna trabalhava de manhã, sentada à mesa da cozinha com o laptop e uma caneca de café que esfriava sempre antes de ela terminar de beber, enquanto Ryan cuidava do que ele chamava, generosamente, de "reformas", na prática, pequenos consertos que ele ia aprendendo a fazer com tutoriais de internet e uma paciência que a vida na cidade nunca tinha exigido dele. À tarde, caminhavam. Exploravam a trilha que

cortava a beira do lago que dava nome à cidade, um lago comprido e escuro que parecia mudar de cor conforme a luz do dia mudava, e Anna tirava fotos que prometia usar "num dia desses" para algum projeto que ainda não tinha nome definido. Foi numa dessas caminhadas, na verdade, que a ideia da matéria nasceu. Anna era escritora freelancer havia quase seis anos, o tipo de profissional que vive de prazos apertados e pautas que raramente pagam o que deveriam, mas que tinha, havia algum tempo, desenvolvido um interesse quase obsessivo por casos de desaparecimento não resolvidos. O tipo de história que series de documentário adoram e que jornais locais enterram depois de uma semana de repercussão. Fora justamente esse interesse, aliás, que a fizera aceitar de imediato quando um editor de uma revista digital de true crime, meio de brincadeira, perguntou se ela conhecia "aquela cidadezinha estranha onde as pessoas simplesmente somem". Ela conhecia, agora. Morava lá.

— Você sabia?

Ela disse, numa dessas tardes, sentada na varanda com o notebook equilibrado nos joelhos.

— Que só nos últimos vinte anos Olive Lake teve sete casos de pessoas desaparecidas que

nunca foram encontradas? Numa cidade dessas, com menos de quatro mil habitantes? Ryan, deitado no sofá lendo alguma coisa no celular, resmungou um "hm?" pouco convincente.

— E não é só recente...

Ela continuou, já mergulhada demais no próprio raciocínio para notar o desinteresse dele.

— Achei um artigo de jornal escaneado, de um arquivo histórico, falando de um caso de

1963. Um caçador. Simplesmente sumiu no meio da mata, deixou a espingarda encostada numa árvore, como se tivesse ido dar uma volta rapidinho. Nunca acharam nada.

— Gente se perde em floresta o tempo todo, amor.

— Eu sei. Mas não assim. Achei outro, ainda mais antigo, do começo dos anos quarenta. Uma

menininha. Sophie, acho que era esse o nome. Nove anos. A mãe disse que ela tinha ido colher pinha e nunca mais voltou. Fizeram uma busca por semanas. Ryan parou de olhar o celular por um segundo, alguma coisa naquilo o incomodando de um jeito que ele não soube explicar. Uma menina de nove anos, sumida na mesma floresta que começava logo ali, a menos de duzentos metros da varanda onde os dois estavam sentados. Ele olhou para a linha de árvores, escura mesmo sob o sol da tarde, e sentiu, por um instante fugaz, algo que preferiu não nomear.

— Isso é meio pesado pra pensar morando aqui do lado.

Ele disse, tentando soar leve.

— É exatamente por isso que é uma matéria incrível.

Anna respondeu, os olhos brilhando do jeito que só brilhavam quando ela estava genuinamente animada com um trabalho.

— Ninguém nunca escreveu sobre isso de verdade. É tudo boato de cidade pequena, aquelas

histórias que todo mundo conta meio rindo no bar, sabe? Vou até perguntar pros vizinhos, ver se alguém sabe de mais alguma coisa. Foi assim, ao longo das semanas seguintes, que

a pasta no laptop de Anna foi crescendo. Recortes de jornal fotografados na biblioteca municipal, uma construção baixa e empoeirada administrada por uma senhora de uns setenta anos que parecia genuinamente satisfeita em ter alguém interessado nos arquivos que ninguém consultava há décadas. Anotações de conversas com moradores mais velhos, a maioria dispostos a falar, mas sempre com aquele mesmo desconforto sutil no rosto, aquela hesitação de quem sabe mais do que está disposto a admitir. Havia um padrão, e Anna, com o olho treinado de quem passa anos procurando padrões em coisas que a maioria ignora, viu isso rápido demais para seu próprio bem-estar. Nenhum dos desaparecimentos envolvia sinais de violência. Nenhuma cena de crime, nenhum vestígio de luta, nenhuma gota de sangue jamais encontrada em lugar nenhum. As pessoas simplesmente paravam de estar onde deveriam estar. Pegadas que seguiam em linha reta até a mata e depois, sem explicação nenhuma, desapareciam. Não se confundiam, não se misturavam com outras pegadas, simplesmente cessavam, como se quem as deixara tivesse, naquele exato ponto, deixado de tocar o chão. E havia os diários. Não em todos os casos, a maioria das pessoas desaparecidas, evidentemente, não deixava registro escrito de coisa nenhuma. Mas em pelo menos dois, encontrados entre pertences que os desaparecidos tinham deixado para trás, havia entradas finais estranhamente serenas. O caçador de 1963 tinha escrito, na última página de um caderno de anotações de caça encontrado em sua caminhonete, uma frase que Anna releu tantas vezes que acabou decorando: "Ela diz que eu não

preciso mais estar cansado. Acho que vou parar de discutir." Uma mulher desaparecida em 2009, professora aposentada que morava sozinha à beira do lago, tinha deixado um bilhete na mesa da cozinha, endereçado a ninguém em particular, dizendo apenas: "Não se preocupem comigo. Finalmente entendi o que ela queria dizer."

— Isso não te dá arrepio?

Anna perguntou uma noite, mostrando a foto do bilhete no celular para Ryan, que estava mais interessado em terminar de montar uma prateleira do que em ler mais uma linha sobre desaparecimentos.

— Dá

Ele admitiu, olhando de relance.

— Mas também parece meio... proposital? Tipo, parece história de fantasma de acampamento. "Ela diz." Quem é ela?

— Isso é exatamente o que eu queria saber. Os moradores mais velhos chamam de "a Dívida".

Perguntei pra três pessoas diferentes o que isso significa e nenhuma quis me explicar direito. Uma senhora simplesmente mudou de assunto e me ofereceu mais chá.

— A dívida.

— É. Tipo... como se a terra cobrasse alguma coisa de vez em quando. Ridículo, eu sei.

Ryan riu, um riso curto, sem muita convicção por trás. Ele não tinha lido os artigos com a mesma atenção obsessiva que Anna, mas alguma coisa naquela expressão: a dívida, grudou nele de um jeito que não devia. Foi por causa dela, aliás, que Anna decidiu procurar o senhor Aldous, um dos moradores

mais antigos de Olive Lake, quase noventa anos, que ainda morava sozinho numa casinha perto do centro e que, segundo a bibliotecária, "lembrava de tudo, até do que preferia esquecer". Ele a recebeu na varanda, um cobertor sobre os joelhos mesmo com o sol batendo forte, e falou por quase uma hora sobre a história da cidade antes de finalmente chegar ao assunto que Anna queria de verdade. Contou de um tio-avô que sumira ainda nos anos quarenta, na mesma época da menininha do casaco vermelho, embora ninguém à época tivesse pensado em juntar os dois casos. Contou de um verão, já nos anos setenta, em que três acampantes de fora da cidade desapareceram na mesma noite, e como o xerife da época tinha simplesmente arquivado o caso depois de duas semanas, sem muita explicação, como se tivesse pressa de esquecer. E contou, baixando a voz como se ainda tivesse medo de ser ouvido por alguém que não devia, que sua própria avó costumava dizer que a floresta "cobrava aluguel", e que o pior de tudo não era ela levar alguém, era o jeito como, depois, a cidade inteira parecia decidir, em silêncio, sem que ninguém combinasse nada, que era mais fácil não perguntar demais.

— A senhora acreditava nisso?

Anna perguntou, o gravador do celular ligado sobre a mesinha de centro entre os dois.

— Minha avó acreditava em muita coisa

o velho respondeu, os olhos fixos num ponto qualquer além da varanda, longe demais para ser apenas o jardim.

— O que eu acredito, moça, é que gente daqui parou de fazer perguntas há muito tempo. E

gente que para de perguntar vive mais tranquila. Só isso que eu sei dizer. Ele não quis dar entrevista de novo depois daquele dia, apesar de Anna ter ligado três vezes ao longo das semanas seguintes. Da última vez, quem atendeu foi uma sobrinha, dizendo que o tio "não andava bem disposto para relembrar coisas antigas". Foi só numa manhã, quase seis semanas depois de terem se mudado, que aconteceu a primeira coisa que os dois, honestamente, não conseguiram explicar direito. Tinham acordado cedo demais, sem querer, o sol mal tinha nascido por completo e uma névoa fina ainda cobria o gramado atrás da casa. Anna tinha ido até a cozinha fazer café, Ryan ainda deitado, meio acordado, meio não, quando o som chegou até ele. Como se viesse de muito longe e ao mesmo tempo de lugar nenhum específico. Um som que ele não conseguiu, de imediato, associar a nada que conhecesse. Não era um animal. Não era vento passando por alguma fresta mal vedada. Era mais grave que isso, mais profundo.

— Você ouviu isso? — ele gritou para a cozinha, já se sentando na cama.

— Ouvi o quê?

— Esse barulho. Tipo um...

— Ele parou, sem saber como descrever aquilo sem soar ridículo.

— Não sei. Um gemido. Bem baixo.

Anna apareceu na porta do quarto, a caneca de café na mão, uma sobrancelha erguida.

— Deve ser cano

Ela disse, dando de ombros.

— Essa casa é velha, Ryan. Coisa de encanamento velho fazendo esses barulhos estranhos de manhã, todo mundo fala disso.

— Não parecia cano.

— O que mais seria?

Ele não teve resposta para aquilo. E, porque não teve, e porque o café da manhã os esperava, e porque o sol já estava subindo de vez e transformando a névoa em luz comum de um dia comum, os dois simplesmente deixaram para lá. Era mais fácil assim. Era sempre mais fácil assim. O som voltou outras vezes, ao longo das semanas seguintes, nunca com frequência suficiente para virar rotina, nunca com intensidade suficiente para parecer uma emergência, só o bastante para se tornar, aos poucos, uma daquelas coisas de que um casal fala em tom de piada, do tipo "lá vem o fantasma de novo", sem realmente acreditar em fantasma nenhum. Ryan chegou a subir no telhado uma tarde, convencido de que devia haver algum animal ali, um guaxinim, um gambá, alguma coisa entocada entre as vigas. Não achou nada. Anna, por sua vez, mencionou o som de passagem para a senhora da biblioteca, que apenas apertou os lábios e disse que "casa perto de mata sempre faz barulho estranho, minha filha", numa voz que soava treinada demais para ser espontânea. Havia, ainda assim, uma coisa que nenhum dos dois disse em voz alta um para o outro, uma coisa pequena demais para justificar preocupação, mas grande demais para ser completamente ignorada: o som, quando vinha, sempre parecia vir de um lugar ligeiramente mais perto da casa do que da última vez. Anna, é claro, tinha

suas próprias suspeitas, só que guardadas quase inteiramente para si mesma, anotadas em um documento separado no laptop que ela ainda não tinha coragem de mostrar para Ryan, porque soava paranoico demais até para ela própria. Tinha relido, na noite em que o som apareceu pela terceira vez, as palavras do bilhete da professora desaparecida: "Finalmente entendi o que ela queria dizer." E tinha se pego, por um segundo vergonhoso, imaginando o que aconteceria se ficasse deitada bem quieta, de olhos fechados, esperando ouvir alguma coisa mais do que um simples gemido distante. Não contou isso a Ryan. Não parecia o tipo de pensamento que se conta a alguém que se ama. Foi numa terça-feira, quase dois meses depois da mudança, numa noite comum, sem nada de especial marcado no calendário além do jantar que os dois estavam terminando de lavar, que tudo mudou de verdade. Eram quase dez da noite. Anna estava na cozinha, secando os últimos pratos, cantarolando baixinho alguma música que tinha ficado presa na cabeça o dia inteiro. Ryan estava na sala, sentado no sofá, o controle da televisão na mão, procurando alguma coisa para assistir sem muito compromisso. A casa estava quieta daquele jeito confortável e familiar que só existe depois que um lugar deixa de parecer novo e começa, finalmente, a parecer lar. Foi então que o grito veio.

— RYAN!!!

A voz... a voz de Anna, exatamente a voz de Anna, cada inflexão, cada tremor de pânico, veio de fora da casa. Do lado do gramado. Da direção da floresta. Ryan ficou paralisado por meio segundo, o controle remoto ainda na mão, o coração

já disparado antes mesmo que o cérebro terminasse de processar o que tinha acabado de ouvir. Porque, ao mesmo tempo, ao mesmo instante impossível, ele também ouvia a água correndo na pia da cozinha. Ouvia Anna, ali, a menos de cinco metros dele, ainda cantarolando, completamente alheia, secando um prato.

— ANNA!!!

Dessa vez foi a voz dele. A própria voz de Ryan, gritando o nome da esposa, vinda de algum ponto lá fora, na escuridão além da janela da sala, com um desespero que ele nunca tinha ouvido sair da própria garganta em toda a sua vida.

— Ryan?

Anna apareceu na porta da cozinha, o pano de prato ainda na mão, o rosto já pálido. — Você ouviu isso? Ele não conseguiu responder de imediato. Ficou ali, olhando para ela, parada bem na sua frente — e depois olhando para a janela escura, tentando entender como duas vezes, as duas vezes mais familiares que ele conhecia no mundo inteiro, podiam estar gritando lá fora enquanto os dois donos originais delas estavam, sem sombra de dúvida, dentro de casa.

— Fica aqui

Ele disse, a voz mais firme do que se sentia por dentro, já caminhando até a porta da frente.

— Ryan, não vai lá fora, pelo amor de Deus

— Eu só vou olhar pela porta. Não vou sair.

Ele abriu a porta com uma cautela que não tinha planejado, meio esperando encontrar alguém ali. Talvez um vizinho brincando de mau gosto, um bêbado perdido, qualquer explicação que fizesse sentido dentro das regras

normais do mundo. Não havia nada. Só o gramado escuro, a névoa fina de sempre pairando baixo sobre a grama, e além dele, imóvel e silenciosa, a linha negra da floresta contra um céu sem lua. Nenhum som. Só o silêncio de sempre, um silêncio que, ele percebeu com um arrepio, parecia curiosamente denso demais para uma noite comum, como se o próprio ar estivesse prestando atenção nele parado ali na soleira da porta.

— Não tem nada

Ele disse, fechando a porta, tentando não deixar a própria voz tremer.

— Deve ter sido... eco. Ou alguma coisa assim. Algum bicho.

— Bicho não fala o seu nome, Ryan.

— Eu sei que não. Mas o que mais podia ser?

Anna não teve resposta para aquilo, e o silêncio que se seguiu foi pior do que qualquer coisa que ela pudesse ter dito. Os dois ficaram parados na sala por um bom tempo, próximos um do outro sem ter combinado ficar assim, os olhos alternando entre a janela e a porta, esperando, sem admitir que estavam esperando, que alguma coisa acontecesse de novo. Nada aconteceu. Não por vinte minutos inteiros, longos o suficiente para que os dois comesçassem, timidamente, a se convencer de que talvez tivesse sido isso mesmo. Um eco estranho, uma pegadinha acústica da floresta, alguma coisa explicável que eles simplesmente ainda não tinham entendido direito. Ryan chegou a sugerir, com um riso que soava forçado até para ele mesmo, que talvez fosse hora de ligar para alguém especializado em

acústica de terreno, ou coisa parecida, só para constar. Foi então, bem no meio dessa frase, que o segundo grito veio.

— MEU DEUS!!!

Uma voz diferente, dessa vez. Nem a de Anna, nem a de Ryan. Uma voz de mulher, mais velha, rouca, cheia de um terror tão cru que os dois sentiram o próprio sangue gelar antes mesmo de reconhecerem que não reconheciam aquela voz de lugar nenhum. E então, logo depois, mais baixo, mais próximo, vindo diretamente da direção da floresta, veio uma última coisa — não um grito, mas quase um sussurro, arrastado e antigo, uma voz que Ryan sentiu no fundo do peito antes de sentir nos ouvidos:

— Capitão.

Ele congelou. Não era a voz de Anna chamando o apelido de sempre, com aquele carinho leve que ela sempre colocava na palavra. Era outra coisa... mais grave, mais lenta, com uma cadência que ele reconheceu com um horror que lhe subiu pela espinha inteira antes que a razão tivesse tempo de intervir. Era, ou parecia ser, impossivelmente, absurdamente, a voz do próprio pai.

— Ryan...

Anna disse, notando a mudança completa no rosto dele.

— Ryan, o que foi? Você ficou branco.

Ele não respondeu de imediato. Estava ouvindo, ainda, algo que só ele parecia estar ouvindo

— ou talvez Anna também ouvisse, mas de um jeito diferente, porque a voz, ele entenderia

só muito mais tarde, quando já fosse tarde demais para que aquilo importasse, escolhia cuidadosamente para quem falava, e como.

— Eu preciso ver...

Ele disse, a voz esquisitamente calma, contrastando de um jeito quase doentio com o pânico de minutos atrás.

— Ver o quê? Ryan, não. Ryan, olha pra mim.

— Ela ouviu você gritando o meu nome

Ele disse, e só quando as palavras já estavam fora da boca ele percebeu como soavam estranhas, como se não fossem completamente suas.

— Você ouviu ela gritando "meu Deus". Alguma coisa tá acontecendo lá fora, Anna. Alguém pode estar precisando de ajuda.

— Não tinha ninguém lá fora! Você mesmo viu, não tinha nada!

— Eu vi da porta. Não fui até a mata.

— E é exatamente por isso que a gente não vai.

Ela segurou o braço dele com força, os dedos brancos de tanto apertar.

— Ryan, por favor. Alguma coisa está muito errada. A gente liga pra polícia, a gente não vai

lá. Ele olhou para ela por um longo momento, e Anna diria depois, muitas vezes, tentando reconstituir aquela noite pedaço por pedaço na cabeça, que havia alguma coisa diferente nos olhos dele naquele instante. Não medo, exatamente, e também não coragem. Era mais parecido com resignação. Como se, em algum lugar dentro dele, ele já

tivesse decidido alguma coisa que a parte consciente da sua mente ainda não tinha alcançado.

— Eu só vou até a linha das árvores

Ele disse. — Só olhar. Se não tiver nada, eu volto na mesma hora, eu prometo.

— Ryan!

Falou ela, preocupada. Mas ele já estava se soltando dela, já estava pegando a lanterna da gaveta da cozinha, já estava com a mão na maçaneta antes que Anna conseguisse formar uma frase inteira de protesto. Ela correu atrás dele até a varanda, gritando o nome dele de verdade dessa vez, sua própria voz, sem nenhum eco impossível, mas ele já estava atravessando o gramado, o facho da lanterna tremendo à frente dele conforme a mão tremia também.

— Fica na porta

Ele gritou de volta, sem se virar.

— Se eu chamar, você não vem, tá me ouvindo? Você liga pra polícia e fica dentro de casa.

Anna ficou. Depois se odiaria por isso durante o resto da vida, mas naquele momento, paralisada de um medo que não tinha nome nem formato, ela ficou parada na soleira da porta, vendo o marido desaparecer na escuridão em direção à linha negra das árvores. O que aconteceu depois, Anna só reconstruiria mais tarde, em fragmentos incompletos. O facho da lanterna que ela via entre os troncos por alguns minutos, cada vez mais fraco. O silêncio absoluto que desceu sobre o gramado, um silêncio que engoliu até o som dos próprios grilos; e, por fim, nada. Nenhuma luz. E nenhum Ryan. Dentro da floresta, o que Ryan encontrou foi isto: A

temperatura caiu de um jeito abrupto assim que ele cruzou a primeira fileira de pinheiros, como se tivesse atravessado uma porta invisível entre duas estações do ano completamente diferentes. O ar ficou mais pesado, mais parado, e o facho da lanterna, por mais que ele tentasse mantê-lo firme, projetava sombras que pareciam se mover de um jeito ligeiramente errado, um instante atrasadas em relação ao movimento da própria luz.

— Pai?

Ele chamou, a voz saindo mais fina do que pretendia.

— Anna?

Nenhuma resposta imediata. Só o eco da própria voz, absorvido rápido demais pela mata densa ao redor, como se as árvores tivessem engolido o som antes mesmo que ele completasse a última sílaba. Foi andando mais alguns metros, o coração batendo tão forte que ele sentia o pulso na garganta, quando o facho da lanterna encontrou o primeiro corpo. Estava caído entre duas raízes grossas, meio coberto por folhas secas e uma camada fina de líquen que sugeria que aquilo estava ali havia muito, muito tempo. Anos, talvez décadas, o suficiente para que restasse muito pouco além de ossos escurecidos e frangalhos do que um dia tinha sido roupa, agora quase indistinguíveis da própria terra ao redor. Não havia nada de violento naquela cena. Nada rasgado, nada quebrado de um jeito que sugerisse ataque. Apenas um corpo que parecia, de um jeito perturbador, ter simplesmente deitado ali e parado. Ryan levou a mão à boca, o estômago revirando, mas foi só quando o facho da lanterna se moveu alguns metros à frente, quase por acidente, que ele viu o

segundo. Esse era mais recente. Muito mais recente. O suficiente para que Ryan ainda conseguisse, com um horror que lhe gelou o corpo inteiro, reconhecer vagamente a forma de roupas ainda intactas, um casaco que talvez tivesse sido colorido antes do tempo e do clima o desbotarem. Estava posicionado de um jeito estranhamente sereno, as mãos cruzadas sobre o peito, como se alguém, ou alguma coisa, tivesse tido o cuidado de arrumá-lo ali com uma delicadeza que não combinava em nada com o resto daquela cena. Ryan caiu de joelhos na terra fria, a lanterna escorregando da mão trêmula, o fecho de luz rolando e parando apontado para o alto, iluminando os galhos entrelaçados muito acima dele como uma teia negra contra o céu. Por um instante, tudo o que ele conseguiu ouvir foi o próprio sangue latejando nos ouvidos, um som absurdamente alto no meio daquele silêncio perfeito demais para ser natural, como se a floresta inteira tivesse prendido a respiração só para observar sua reação.

— Você viu

A voz disse, calma, satisfeita, vindo de todos os lados e de lugar nenhum ao mesmo tempo.

— Bom. É importante que você veja.

— O que... o que é isso

Ele conseguiu perguntar, a voz reduzida a quase nada.

— Quem são eles?

— Pessoas que vieram antes de você. Pessoas que ficaram.

— Eu preciso ir embora daqui!

Ele disse, mais para si mesmo do que para a voz, tentando se levantar, as pernas fracas demais para obedecer de imediato.

— Eu preciso voltar pra Anna.

— Você pode ir

A voz respondeu, e havia algo quase gentil ali, do jeito que só uma coisa muito antiga e muito paciente consegue soar gentil.

— Ninguém está te prendendo, Capitão. Você sempre pôde ir embora. Todos podem, sempre

puderam. Ryan finalmente ficou de pé, cambaleante, os olhos ainda presos nos dois corpos, incapaz de desviar completamente.

— Então por que eles não foram?

Ele perguntou, sem ter certeza se realmente queria a resposta.

— Porque, no fim, eles entenderam uma coisa que você também vai entender, se ficar tempo

suficiente para escutar. Não existe volta que não custe alguma coisa. Ela vai ouvir isso de novo, sabe. Se você for embora agora, contando essa história, ela vai passar o resto da vida ouvindo vozes na floresta, esperando que uma delas seja você de verdade. Ela nunca mais vai dormir uma noite inteira sem escutar o vento e se perguntar. Eu conheço essa dor. Eu já vi ela em outras mães, outros maridos, outras esposas. É uma dor que não cicatriza nunca, porque nunca tem certeza.

— Isso não é verdade — Ryan disse, mas a própria voz saiu sem convicção nenhuma,

tremendo tanto quanto o resto do seu corpo.

— Ou...

a voz continuou, ainda mais baixa agora, quase junto ao seu ouvido, embora não houvesse ninguém ali

— Você pode simplesmente ficar. Só isso. E ela vai chorar, vai sofrer, é claro que vai, no

início. Mas com o tempo ela vai poder seguir em frente, porque desaparecido, Capitão, é diferente de morto. Ryan ficou parado ali por um tempo que ele nunca conseguiria medir depois. Podiam ter sido minutos, podiam ter sido horas, o próprio conceito de tempo parecia ter se dobrado sobre si mesmo daquele jeito estranho que a floresta sempre fazia. Ele pensou em Anna, na porta da casa, esperando. Pensou no pai, no barco, na manhã em que preferiu dormir mais um pouco. Pensou em como nunca tinha conseguido, em nenhum momento da vida inteira, estar presente da forma certa, na hora certa, para as pessoas que mais precisava.

— Capitão.

A voz disse mais uma vez, tão suave quanto um sussurro na hora de dormir.

— Você não precisa ter medo. Eu não vou te machucar. Eu nunca machuco ninguém. Eu só...

espero. E, às vezes, as pessoas percebem que esperar comigo é mais fácil do que voltar pra tudo que ficou quebrado lá fora. Do lado de fora da floresta, na varanda da casa, Anna gritava o nome do marido até a garganta doer, o celular já na mão discando um número de emergência com dedos que mal conseguiam acertar os botões, os olhos fixos numa escuridão

que não devolvia nada além de silêncio. O facho da lanterna, entre as árvores, permaneceu apontado para o céu por mais um longo momento. Depois, devagar, apagou. Ryan nunca mais voltou. A busca que se seguiu foi, em todos os aspectos técnicos, idêntica às buscas anteriores que Olive Lake já tinha vivido tantas vezes ao longo de décadas, embora ninguém, além de Anna, parecesse capaz de reconhecer o padrão enquanto ele se repetia mais uma vez diante de seus olhos. Cães farejadores percorreram cada trilha da floresta durante cinco dias inteiros. Voluntários vasculharam cada arbusto, cada tronco caído, cada fenda entre pedras, exatamente como fariam décadas atrás por uma menina de casaco vermelho, exatamente como fariam meses atrás por uma garota de quinze anos cujo nome Anna reconheceria, mais tarde, revisando velhos registros policiais para a matéria que nunca chegaria a publicar da forma como tinha planejado. Nenhum vestígio foi encontrado. Nenhuma pegada além da que o próprio Ryan tinha deixado na ida. Nenhum fio de roupa preso em galho baixo algum. A lanterna nunca apareceu. A polícia, depois da segunda semana, começou a sugerir, com aquele tato profissional treinado especificamente para esse tipo de conversa, que talvez o casamento tivesse problemas que Anna não tivesse mencionado. Talvez ele tivesse simplesmente ido embora por conta própria. Pessoas fazem isso, disseram. Mais do que se imagina. Anna sabia que não era isso. Mas também sabia, com uma clareza fria e definitiva, que jamais conseguiria explicar para nenhum policial, nenhum jornalista, nenhum amigo bem-intencionado, o que realmente tinha acontecido naquela

noite — porque a verdade inteira soava exatamente como as palavras que ela mesma tinha lido, semanas antes, num bilhete deixado sobre uma mesa de cozinha por uma mulher que ninguém nunca mais encontrou. Ela tentou, ainda assim, uma vez. Sentou-se diante de um investigador estadual que tinha vindo especialmente de fora para revisar o caso — um homem cansado, de meia-idade, que parecia já ter ouvido de tudo em vinte anos de carreira — e chegou a abrir a boca para contar sobre os gritos, sobre as duas vozes impossíveis, sobre a palavra que só o pai de Ryan usava. Mas assim que começou a falar, ouvindo a própria voz narrar aquilo em voz alta pela primeira vez, percebeu, com uma clareza humilhante, como soava. Fechou a boca no meio da frase e disse apenas que o marido tinha saído para verificar um barulho e não tinha voltado. O investigador anotou isso, agradeceu, e foi embora dois dias depois sem encontrar absolutamente nada de novo. Os pais de Ryan vieram uma vez, ficaram uma semana inteira dormindo no quarto de hóspedes, caminhando pela trilha ao lado do lago em silêncio, evitando, os dois, olhar diretamente para a linha de árvores atrás da casa. A mãe dele chorou baixinho na cozinha, de madrugada, achando que Anna dormia. Anna, do outro lado da porta entreaberta, também não dormia, e também não entrou para consolá-la, porque não sabia mais, àquela altura, que palavras de consolo ainda seriam verdadeiras o suficiente para dizer. Foi só um mês depois, sozinha na casa que agora parecia grande demais e silenciosa demais, que Anna finalmente encontrou o documento que faltava na sua pesquisa — um registro de propriedade antigo, digitalizado pela prefeitura como parte

de um projeto de modernização de arquivos, listando o histórico completo de donos daquele terreno específico, daquela casa específica, desde a sua construção. O primeiro nome na lista, datado de mais de oitenta anos atrás, era o de uma família chamada Winters. E, no meio do documento, entre certidões e transferências de posse ao longo de décadas, havia uma nota manuscrita, feita por algum funcionário esquecido havia muito tempo, registrando o motivo pelo qual a família tinha finalmente vendido a propriedade, anos depois de tê-la comprado: "Proprietária permanece residente sozinha após desaparecimento da filha menor, Sophie Winters, 9 anos, em 19—. Caso nunca solucionado." Anna ficou olhando para aquela linha por um tempo longo demais, sentada na mesma mesa de cozinha onde ela e Ryan costumavam tomar café juntos toda manhã, entendendo, finalmente, e tarde demais, que a casa que os tinha "escolhido", como Ryan sempre dizia brincando, já vinha escolhendo pessoas havia muito, muito mais tempo do que qualquer um dos dois jamais poderia imaginar. Ela nunca terminou a matéria. Nunca conseguiu escrever uma palavra sequer sobre Olive Lake depois daquela noite, embora o editor tenha ligado educadamente algumas vezes perguntando como estava andando o projeto, até parar de ligar de vez. Mas Anna continuou morando naquela casa, sozinha, pelos meses seguintes — os vizinhos diziam, baixinho, que era estranho ela não ter simplesmente ido embora, voltado para a cidade, recomeçado em algum lugar sem aquela história presa às paredes. Ela nunca soube explicar direito por que ficava. Talvez fosse esperança. Talvez

fosse só o mesmo tipo de coisa que tinha prendido tantas outras pessoas àquele lugar ao longo de tantas décadas, um fio invisível que ninguém escolhe conscientemente seguir, mas que, uma vez preso, é quase impossível de cortar. Olive Lake, por sua vez, fez exatamente o que Olive Lake sempre soube fazer melhor do que qualquer outra coisa: seguiu em frente. O caso de Ryan virou, em poucos meses, mais uma entrada silenciosa na lista comprida de nomes que ninguém mais mencionava em voz alta perto de forasteiros, mais uma história que os moradores mais velhos trocavam entre si com aquele mesmo olhar cansado, aquele mesmo tom de quem já sabia, no fundo, que nenhuma busca ia adiantar. Ninguém veio bater na porta de Anna para perguntar demais. Ninguém puxou o fio até o fim. Era, ela entenderia com o tempo, exatamente assim que a cidade continuava existindo havia tantas décadas: não por ignorância, mas por um acordo tácito e nunca falado de que algumas perguntas, uma vez feitas, não tinham mais como deixar de ser respondidas — e que era mais fácil, sempre mais fácil, não perguntar. E assim, como a mãe de uma menina de casaco vermelho tinha feito, décadas antes, na mesma casa, na mesma varanda, esperando por passos pequenos que nunca voltariam a cruzar aquela porta, Anna também passou a deixar, todas as noites, uma luz acesa. Só por garantia. Só para o caso de, uma noite qualquer, ele voltar.